

Teoria e prática jornalística em uma rádio comunitária: estudo do programa *Ecolândia – o mundo onde a gente vive*

Mariana Cervi SOARES¹

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

mariana.cs@live.com

Gisele Dotto REGINATO²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

giselereginato@gmail.com

Resumo

Este artigo visa discutir a rotina de produção do programa *Ecolândia – o mundo onde a gente vive*, radiojornal sobre meio ambiente e qualidade de vida, transmitido em uma rádio comunitária da cidade de Santa Maria, na região central do Rio Grande do Sul. Para tanto, a proposta metodológica é composta por dois eixos: análise de materiais (áudios e roteiros) e observação da rotina produtiva. Através da interligação das duas sistemáticas, contextualizamos a produção do programa em uma análise conjunta, buscando compreender como o radiojornal está inserido em uma mídia comunitária, resguardando suas características jornalísticas específicas. Entre os principais resultados deste estudo está a verificação da importância de ampliar as discussões entre as práticas e a teoria no eixo da comunicação comunitária.

Palavras-chave: Rádio Comunitária; Jornalismo Público; Jornalismo Popular; Radiojornalismo; Rotina de produção.

Abstract

This paper discusses the routine production of the program *Ecolândia – o mundo onde a gente vive*, radiojornal about the environment and quality of life, transmitted in a community radiobroadcast in the city of Santa Maria, in the central region of Rio Grande do Sul. For this, the methodological proposal is composed of two axes: an analysis of materials (audio and scripts) and observation of routine production. Through the interconnection of both systems we contextualize the production of the program in a joint analysis, seeking to understand how the radiojornal is inserted in a community media, safeguarding its journalistic specific characteristics. Among the main results of this study is the verification of the importance of broadening discussions between practice and theory in the axis of community communication.

Key-words: Community Radio; Civic Journalism; Popular Journalism; Radiojournalism; Routine production.

Resumen

Este artículo analiza la producción habitual del programa *Ecolândia – o mundo onde a gente vive*, radiojornal sobre el medio ambiente y la calidad de vida, transmitido de una radio comunitaria en la ciudad de Santa Maria, en la región central de Rio Grande do

¹ Jornalista graduada em Comunicação Social – habilitação Jornalismo, pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: mariana.cs@live.com.

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Jornalista e mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), onde atuou como professora substituta do curso de Jornalismo. E-mail: giselereginato@gmail.com.

Sul. Para esto, la propuesta metodológica se compone de dos ejes: un análisis de los materiales (audio y guión) y la observación de la rutina de producción. A través de la interconexión de ambos sistemas, contextualizamos la producción del programa en un análisis conjunto, tratando de entender cómo el radiojornal se inserta en un medio de comunicación comunitarios, salvaguardando sus características periodísticas. Entre los principales resultados de este estudio es la constatación de la importancia de ampliar las discusiones entre práctica y teoría en el eje de la comunicación comunitaria.

Palabras clave: Radio Comunitaria; Periodismo Público; Periodismo Popular; Radiojornalismo; Rutina de la producción.

Introdução

O programa *Ecolândia – o mundo onde a gente vive*³, transmitido semanalmente na rádio comunitária Carai (106.3 FM)⁴, faz parte de um projeto de extensão universitária do curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Em 2011, a equipe completou cinco anos de trabalho em parceria com a rádio, que abrange a Região Sul de Santa Maria/RS. Com base no considerável tempo de atuação do *Ecolândia* inserido no ambiente da Carai e, também, como prática de extensão dos estudantes, observamos a necessidade de analisá-lo.

Partindo da natureza comunitária do objeto, entendemos a importância de discutir sobre produtos comunicacionais que estejam fora do eixo da mídia de massa, devido ao seu papel no desenvolvimento social. Em contrapartida ao cenário da mídia hegemônica, existem meios alternativos, geralmente de cunho popular, como, por exemplo, a rádio comunitária na qual está inserido nosso objeto de estudo. Como lembra Peruzzo (2007, p.1), iniciativas dessa natureza são formas de expressão que “pretendem ampliar a conquista de direitos de cidadania, não somente para pessoas individualmente, mas para o conjunto de segmentos excluídos da população”.

Além de propor uma reflexão sobre a comunicação alternativa, o intuito de estudar o *Ecolândia* também é o de entender o tipo de Jornalismo que o programa produz. Mesmo inserido em uma rádio comunitária, o radiojornal é realizado por acadêmicos do curso de Jornalismo e a comunidade da região não dirige a edição do programa, apenas tem espaço de participação. Sendo assim, nosso objetivo principal

³ Ao longo do trabalho utilizaremos apenas “*Ecolândia*” como referência ao objeto de análise, devido à extensão do nome do programa.

⁴ A emissora tem um site, no endereço <<http://www.caraifm.com.br>>, que disponibiliza um aplicativo para se ouvir a rádio online e, também, informações como histórico e programação.

é analisar de que forma os conceitos se aplicam ao programa, por meio do estudo dos seus materiais e da observação das atividades exercidas pela equipe. Através da integração dos conceitos que utiliza, o *Ecolândia* procura justificar as suas práticas enquanto programa de teor jornalístico. Como o trabalho da equipe é desenvolvido? A produção dos alunos atende às necessidades de um programa jornalístico em uma rádio comunitária? São questões como essas que nos provocaram a pensar e investigar o trabalho do *Ecolândia*, a partir da análise do pólo de emissão.

O estudo ainda coloca em evidência a rádio Caraí, emissora comunitária que transmite o programa semanalmente. Mesmo que seja um veículo alternativo de comunicação, ela possui um forte vínculo com a comunidade da Região Sul de Santa Maria, comportando-se como um veículo tradicional para os moradores. Assim, percebemos a importância de entender de que forma um programa idealizado para uma comunidade específica é produzido, congregando os pilares das teorias e da prática da comunicação.

O Ecolândia na rádio Caraí: as origens e o trabalho da equipe

O *Ecolândia* é um radiojornal semanal destinado aos ouvintes da Caraí FM, rádio que funciona regularmente desde 2004 na cidade de Santa Maria. A emissora é integrante da Associação Cultural de Divulgação Comunitária da Vila Tropical e Região Sul de Santa Maria, fundada em 22 de novembro de 1998. A criação da rádio foi impulsionada pelo casal Paulo Roberto Aguiar Rodrigues e Roselaine Magrini, moradores do Bairro Urlândia, local onde fica a Caraí. O ponto vermelho da figura abaixo marca o final da Rua Caracaraí, na qual fica a sede da emissora.



Figura 01: Mapa que mostra parte dos arredores da Rádio Carai. Fonte: Google Maps. Mapa editado para este artigo.

A iniciativa de fundar a Carai surgiu após a sanção da Lei nº 9612/98⁵, que previa extinguir as emissoras piratas e legalizar as rádios comunitárias, através de autorização da Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL). Reconhecida pela ANATEL, a rádio começou a funcionar regularmente desde recebimento da licença. A Carai conta com uma programação diversificada – musical, informativa, religiosa e esportiva – com a participação de moradores e colaboradores.

Atuando desde o início em parceria com a rádio Carai, o programa *Ecolândia* surgiu no Programa de Educação Tutorial (PET) do curso de Comunicação Social da UFSM, em uma época em que os alunos buscavam uma forma prática de desenvolver um projeto extensionista que envolvesse atividades externas à Universidade.

A época de criação do programa foi de experimentação, pois os alunos estavam conhecendo o próprio *Ecolândia*. Era necessário pensar nos objetivos da produção, conceber a temática principal do programa e entender as demandas da Carai e do público. Os temas sobre meio ambiente e qualidade de vida surgiram devido ao interesse dos alunos nestas pautas e, também, na falta de programas desse caráter na programação da rádio.

Nesse período, alunos dos cursos de Relações Públicas e Publicidade e Propaganda também participavam da produção. No entanto, com o passar do tempo, devido ao desenvolvimento do programa e ao maior comprometimento com a

⁵ Lei nº 9.612, de 19 de fevereiro de 1998, que instituiu o Serviço de Radiodifusão Comunitária no Brasil.

comunidade, a equipe percebeu a necessidade de profissionalizar o trabalho realizado na produção semanal dos alunos. Assim, o radiojornal tornou-se um projeto voltado especificamente aos acadêmicos de jornalismo. Atualmente, participam estudantes de diversos semestres da graduação.

A rotina de trabalho envolve as etapas de reunião de pauta, produção, apuração, edição e apresentação, sendo que todas essas tarefas estão distribuídas em uma escala semestral. Segundo a equipe, “os alunos, dessa forma, têm a oportunidade de desenvolver as habilidades da profissão de jornalista, passando por todas as fases de produção” (AMARAL et al., 2011, p.3).

Um radiojornal sobre meio ambiente e qualidade de vida em uma rádio comunitária

O *Ecolândia* tem como objetivo principal produzir conteúdos a partir de duas temáticas centrais: meio ambiente e qualidade de vida. A ideia da equipe é levar para a comunidade um jornalismo local, que dê prioridade aos fatos que permeiam o dia a dia do seu público, através do assunto que nortear a produção da semana.

O programa justifica a escolha pelas pautas ambientais devido ao pouco espaço que essas recebem na mídia tradicional, pois,

quando aparecem, a abordagem é repleta de termos rebuscados, que dificultam a compreensão do conteúdo. O programa *Ecolândia* se propõe a transmitir informações ambientais de uma forma diferente daquela encontrada nos meios de comunicação tradicionais e mais próxima da realidade da comunidade. A superficialidade dada ao tratamento da notícia ambiental é outro fator que prejudica o entendimento sobre as questões ambientais. Em virtude disso, mostra-se a relevância da decodificação de uma linguagem técnico-científica e a necessidade de um enfoque local e aprofundado (ECOLÂNDIA, 2011, p.5).

Para realizar essa tarefa, semanalmente os integrantes se propõem a transformar os jargões técnicos em uma abordagem condizente com a realidade econômica e social da comunidade da Região Sul de Santa Maria. Até o ano de 2008, a equipe trabalhava com uma ideia subjetiva do seu público, pois durante a fase inicial não foi realizada uma pesquisa de opinião com os moradores. Quando o projeto completou dois anos de atuação com a comunidade, já com sua estrutura mais

fundamentada, a equipe resolveu, então, que era necessário um estudo para conhecer a sua audiência e melhorar o programa.

Sendo o Ecolândia um projeto de extensão em atividade há pouco tempo, passou por um processo demorado de construções e modificações práticas. [...] Foi consenso entre os integrantes do projeto que estava na hora de realizar um aprimoramento na abordagem dos temas tratados pelo Ecolândia. Quem melhor do que o público, ou público em potencial do programa, os ouvintes da rádio Carai, para dar-nos a direção das mudanças a serem efetuadas no programa? [...] Apesar de esta pesquisa estar sendo realizada tardiamente no projeto Ecolândia, com relação ao tipo de público, o grupo sempre trabalhou com a existência, mesmo que subjetiva, de ouvintes de classe baixa, já que em áreas próximas da Rádio Carai existem focos de pobreza visíveis. Os resultados da pesquisa confirmam algumas das hipóteses trabalhadas (OLIVEIRA; GOMES; ROSA, 2008, p. 3-11).

Assim, com uma ideia mais clara de para quem estavam realizando o trabalho, os integrantes do *Ecolândia* tiveram suporte para, cada vez mais, fazer com que as pautas fossem pensadas com um enfoque local, valorizando a comunidade e entendendo suas necessidades. Areladas aos enfoques ambientais, estão presentes, também, as questões sobre qualidade de vida. Segundo a equipe, esses temas estão interligados, uma vez que a integração dos dois eixos faz parte da “convivência que cada um mantém consigo mesmo, com os outros e com a natureza” (ECOLÂNDIA, 2011, p. 6). Dessa forma, além de abordar pontos como saneamento básico, coleta seletiva e desastres naturais, o Ecolândia também trabalha com temas como riscos de automedicação, doenças sexualmente transmissíveis e cuidados com a alimentação.

Já que o programa se configura como um radiojornal, além da presença de quadros sobre a temática central, há também espaço para notícias. Assim, as edições semanais trazem blocos informativos sobre questões importantes para o dia a dia e o desenvolvimento das comunidades, primando por informações próximas ao público, reforçando a característica do jornalismo local.

Rádio comunitária como veículo de comunicação

O surgimento de emissoras de rádio comunitárias está ligado intrinsecamente à possibilidade de participação popular na construção da comunicação. No Brasil, elas foram muito importantes para o processo de redemocratização do país, sendo que a origem de várias rádios aconteceu ainda durante o período ditatorial, de forma

clandestina. O advento dessas emissoras modificou a realidade do rádio como meio de comunicação massivo, até mesmo misturando os papéis de emissor e receptor.

Nelas, pela pequena potência dos transmissores, fala-se para um grupo de ouvintes próximos ao espaço, procurando estabelecer uma via de mão dupla. Nesse caso, a proximidade é incentivada inclusive pela participação de integrantes da comunidade ao microfone não só como entrevistados, mas também exercendo a função de comunicadores (FERRARETTO, 2006, p. 25).

A premissa fundamental de uma rádio comunitária – que a seja de fato e não apenas por fachada – é a de ser um espaço para uma programação de interesse social, que contribua para a construção da cidadania⁶ e democratize a informação, trabalhando com a realidade da comunidade próxima à emissora. Assim, a ideia é de que os próprios moradores das imediações de uma rádio comunitária possam participar ativamente na sua construção e consolidação, produzindo conteúdos e envolvendo-se na gestão desse espaço. A emissora comunitária é baseada em

princípios da comunicação libertadora que tem como norte a ampliação da cidadania. Ela carrega, aperfeiçoa e recria o conhecimento gerado pela comunicação popular, comunitária e alternativa no contexto dos movimentos sociais na América Latina desde as últimas décadas do século XX (PERUZZO, 2006, p.1).

As rádios comunitárias carregam consigo diversas nomeações. Alguns exemplos são: rurais, alternativas, livres, participativas, populares. Apesar da diversidade, o objetivo do trabalho é semelhante. Uma emissora comunitária, independente de sua alcunha, tem o desafio de democratizar a informação, transformando o meio onde está inserida. Dessa forma, a participação popular é incentivada, sendo que as programações, em sua maioria, são feitas por voluntários e colaboradores das próprias comunidades, que dispõem de seu tempo e trabalham de forma cooperativa para auxiliar no desenvolvimento social.

É claro que existem distorções inseridas no campo das rádios comunitárias, seja por falta de experiência ou por uso inapropriado da concessão à emissora. No

⁶ Entendemos cidadania como Peruzzo (2007). Segundo a autora, o conceito envolve os eixos de liberdade e igualdade, pois ambos estão ligados aos processos de uma sociedade democrática, na qual a cidadania pode ser conquistada através da conscientização para com os temas da vida em sociedade. “[...] Democracia no poder de comunicar é condição para ampliação da cidadania. É um caminho para o exercício da cidadania em sua dimensão cultural, que por sua vez se entrelaça nas lutas pela democratização das outras dimensões da cidadania, como a econômica e a política” (PERUZZO, 2007, p. 19).

entanto, o trabalho coletivo desencadeado por essas iniciativas é importante para o fomento de uma comunicação mais plural, que permita espaços às comunidades que, não raras vezes, são esquecidas nos meios tradicionais da mídia massiva.

A narrativa jornalística na rádio comunitária

As mensagens que constituem o campo do jornalismo estão imbricadas à cultura social. Em suma, esse campo é visto como a instância da notícia, local de visibilidade dos acontecimentos. Por muito tempo, acreditou-se que o jornalismo funcionava como um espelho da realidade, ou seja, as notícias narravam os eventos do mundo tal qual aconteciam. Como sintetiza Pena (2005, p.125), essa visão entende que “a imprensa funciona como um espelho do real, apresentando um reflexo claro dos acontecimentos do cotidiano”. A partir disso, o estigma da objetividade acompanhou o jornalismo, como se, de fato, o texto do jornalista mostrasse *a vida como ela é*, sem interferências dos demais campos sociais. No entanto, com o avanço dos estudos na área e a profissionalização do próprio jornalismo, essa visão tornou-se obsoleta. Segundo Rosa (2003), o discurso jornalístico não é um refletor da realidade, pois traduz e constrói a sociedade através de seu próprio discurso,

[...] simulando realidades mediante todo um sistema próprio de cada veículo, em que os jornalistas captam um certo número de informações e que são transformadas em notícias por meio do discurso perpassado pelas rotinas produtivas, pela experiência do jornalista, pela ideologia e cultura do veículo (ROSA, 2003, p.58).

A difusão de tecnologias de informação e dispositivos eletrônicos, como o rádio, por exemplo, trouxe novas configurações para a atividade jornalística. Além da linguagem, uma mudança muito significativa foi a aceleração do ritmo informativo. O volume de informações, em relação aos primórdios do jornalismo, tornou-se cada vez maior e a sociedade ficou ainda mais conectada.

[...] Percebemos que os homens encontram-se interligados, independentemente de suas vontades. Somos todos cidadãos do mundo, mas não no antigo sentido, de cosmopolita, de viagem. Cidadãos mundiais, mesmo quando não nos deslocamos, o que significa dizer que o mundo chegou até nós, penetrou nosso cotidiano (ORTIZ, 1998, p.8).

Essa nova configuração trouxe consigo a ideia de que a notícia é algo passageiro e efêmero, pois o fluxo informativo parece não ter limites. No entanto, essa é uma visão simplista do processo da notícia, pois além de informar sobre acontecimentos, ela faz parte da construção social.

O jornalismo tem a ver com a vida, [...] porque aquilo que é notícia só é notícia porque tem algum potencial de transformar a realidade. Então, o jornalismo não lida com o efêmero. O jornalismo lida com a transformação. As notícias de amanhã, elas refletirão nos efeitos das notícias de hoje. Portanto, o jornalismo está enraizado como ferramenta essencial no contexto da vida, no contexto da realidade, no contexto da construção do presente (CHAPARRO, 2008).

Nesse sentido, é interessante perceber a existência da narrativa jornalística em uma rádio comunitária. Canais de comunicação alternativos pressupõem a emancipação social, sendo fundamental a presença de ferramentas para a construção e a divulgação de informações, como forma de ampliar o acesso ao conhecimento. Assim, o programa jornalístico em uma rádio comunitária é um espaço para a divulgação dos fatos locais e da opinião da comunidade, mas sem esquecer também dos acontecimentos de ordem global, que conectam os diversos grupos sociais.

Um desafio que se apresenta para a construção desse conhecimento junto à audiência é a dificuldade de o rádio transmitir as informações de maneira mais palpável e concreta. Quando assistimos à televisão, lemos jornal ou notícias na internet, temos um importante sentido que auxilia a nossa compreensão: a visão. Já no rádio, a situação é diferente. Arnheim lembra que o gênero radiofônico impõe uma *cegueira*, pois “a essência do rádio consiste justamente em oferecer a totalidade somente por meio sonoro” (apud MEDITSCH, 2005, p. 62). A pobreza ilustrativa que caracteriza o rádio provoca, dessa forma, a necessidade de estratégias para captar a atenção dos ouvintes na mensagem transmitida.

Inicialmente, o rádio reproduzia o jornalismo impresso. Não existia uma linguagem definida para esse novo meio, era a primeira vez que a palavra deixava de ser escrita e lida para ser falada e ouvida. Essa transição exigiu o surgimento de hábitos e convenções que fossem próprios ao novo ambiente. É por isso que a linguagem é tão importante para a informação no rádio: quando não há clareza na fala, dificilmente a mensagem será compreendida, principalmente se o conteúdo é mais denso – como o texto informativo.

A impossibilidade do ouvinte deter-se sobre o enunciado, repetir a leitura ou mesmo determinar a velocidade da enunciação obriga a uma extrema simplificação sintática e semântica, com frases curtas em ordem direta, contendo preferencialmente uma única ideia, expressa com precisão e clareza tais que neutralizem qualquer ambigüidade (MEDITSCH, 2001, p. 184).

Mesmo com as dificuldades impostas pela sua própria natureza, o rádio é um meio que imprime muita credibilidade, especialmente pela persuasão imposta por sua linguagem. Ou seja, a voz que fala no rádio entra em contato direto com ouvinte, causa proximidade e interfere no cotidiano.

Resguardadas as características técnicas, importantes para qualquer emissora radiofônica, devemos voltar ao cenário da mídia comunitária. O programa jornalístico nessas rádios, além de falar com o ouvinte, deve conhecê-lo. Geralmente, devido à possibilidade de vastas audiências, o rádio fala para todos. No entanto, as rádios comunitárias, além de serem construídas pela comunidade, por lei têm abrangência menor que uma rádio convencional (apenas 1Km). Ou seja, a sua fala é restringida tanto por motivos sociais quanto por questões burocráticas.

A configuração de uma audiência específica é fundamental para o planejamento, a organização e a produção de um radiojornal em uma rádio comunitária. O jornalista sempre imagina seu texto para um público ideal e, dessa forma, experimenta de certa maneira o lugar do ouvinte, a partir do seu próprio lugar. Nesse sentido, a questão da objetividade, que comentamos inicialmente, deve ser repensada cada vez mais. Afinal, uma notícia não apresentará o fato exatamente como aconteceu, mas será uma construção narrativa sobre ele que será destinada a determinado público. Esse a interpretará de uma maneira única, através de sua vivência. Sendo assim, o desafio do radiojornalismo comunitário está além da simples técnica. Ele entende a participação ativa do repórter e o conhecimento da comunidade para que a mensagem seja compreendida e, como lembrou Chaparro (2008), envolva alguma espécie de transformação social.

O jornalismo proposto pelo *Ecolândia*

O programa, inserido no ambiente de uma rádio comunitária, procura desenvolver conhecimento junto ao público da região de abrangência da emissora. Assim, a cada semana a equipe se propõe a, além de divulgar informações, também contar com a participação do ouvinte e saber a sua opinião sobre as pautas que serão

discutidas no radiojornal. Essa é uma característica que tem um forte apelo comunitário, devido ao incentivo à participação dos ouvintes, e que também é um princípio do Jornalismo Público⁷, um dos conceitos utilizados pela equipe. Segundo Fernandes, uma das ocupações desse jornalismo é

[...] difundir experiências e interpretações, de tal modo que seja possível a um grupo social compreender determinadas situações, em favor de si mesmo. [...] É esse caminho, de trazer grupos periféricos para o centro das cidades ou para estimular os bairros a pensar em auto-soluções, que o *Civic Journalism* defende (FERNANDES, 2008, pp. 35-36).

Como o *Ecolândia* vai ao ar todas as sextas-feiras, semanalmente a equipe tem uma reunião de pauta. No encontro, são discutidos o assunto que será trabalhado no programa e seus enfoques, além de outras atividades, como o planejamento de ações com a comunidade, produção de pesquisas e avaliação das edições ao vivo.

A cada semana é pautado um assunto sobre os temas meio ambiente ou qualidade de vida. A equipe busca alternar entre um assunto e outro, para o programa não ficar muito “verde” ou “de serviço”⁸. A proposta é sempre trabalhar um jornalismo engajado com as duas pautas, desenvolvendo-as a partir das opiniões dos moradores, das contradições que existem e produzir um conhecimento menos superficial. Assim, a ideia é que as pautas produzam algum sentido para a comunidade. Essa também é uma característica do Jornalismo Público, que propõe que os ouvintes aprendam algo para o seu dia a dia com a prática jornalística. Um dos principais objetivos do Jornalismo Público é

ter mais em conta o ponto de vista dos cidadãos para construir a agenda informativa e oferecer elementos para que esses temas da iniciativa cidadã encontrem canais de ação a partir da informação e da convocatória dos meios de comunicação para o debate público (CASTELLANOS, 1999, p.1)

Assim, para que as pautas da comunidade e as de interesse público sejam trabalhadas no programa, os repórteres do *Ecolândia* procuram manter uma postura de observação. Nos momentos em que visitam o bairro devem buscar assuntos que

⁷ “Jornalismo Público” é uma tradução ao termo *Civic Journalism* (CJ), proposta por Fernandes (2008). Como forma de tornar o conceito mais claro durante a leitura, utilizaremos o termo traduzido.

⁸ Através da observação da rotina da equipe, notamos a utilização destes termos durante as reuniões nos momentos de discussão sobre as possíveis pautas.

precisam ser debatidos e dialogar com os ouvintes para compreender quais temas querem ouvir na programação da rádio.

Um cuidado especial da equipe é com a linguagem adotada na produção dos programas. É muito importante que os ouvintes consigam entender a mensagem que está sendo transmitida. Segundo Prado (1989, p. 20), a informação apresentada em um programa de rádio deve ter um tom natural. Ou seja, devido à natureza puramente oral do rádio, a linguagem assumida deve ser mais próxima à fala do que à escrita, pois se está literalmente falando para alguém.

Preciosismos e expressões rebuscadas enfraquecem o trabalho radiofônico, uma vez que a agilidade e a instantaneidade da informação radiofônica imprimem um ritmo diferente para a compreensão das notícias: o da audição. Assim, há uma preocupação constante da equipe em fazer um texto bem elaborado, mas didático, sem termos prolixos e distantes da população. Como lembra Ferraretto (2001, p.204), “a simplicidade é uma regra básica do texto radiofônico, preparado para um público genérico, ou seja, qualquer pessoa apta a ligar um receptor e sintonizar uma emissora”.

Ainda, deve-se lembrar de que a equipe do *Ecolândia* tem a proposta de trabalhar com o Jornalismo Popular, uma realidade bem distante do chamado *jornalismo de referência*⁹. Estigmatizado pela comunidade jornalística devido às características sensacionalistas e assistencialistas que cercam os jornais populares da mídia tradicional, muitas vezes o jornalismo feito para as comunidades populares não é levado a sério. Amaral (2006) propõe uma revisitação a esse conceito, mostrando alternativas para a construção jornalística voltada para as classes mais baixas. A autora também comenta sobre os aspectos do conhecimento do público-alvo e da linguagem, pontos importantes para o jornalista que se propõe a esse trabalho.

O jornal popular também deve ter cuidados para aproximar-se da linguagem do público, sem deixar de tratá-lo como cidadão. Para isso, o jornalista não pode ficar circunscrito ao seu mundo de classe média. Precisa conhecer a realidade das escolas públicas e do atendimento público à saúde. [...] Deve mesclar responsabilidade social, competência na apuração e na contextualização do fato e sensibilidade para descrevê-lo do ponto de vista popular, numa linguagem simples e didática (AMARAL, 2006, pp. 109-126).

⁹ Ao trabalharmos com a noção de jornalismo de referência, cabe destacar a problematização de Vidal-Beneyto de que o conceito não trata dos veículos de maior circulação, mas sim dos que mais influência têm sobre a opinião pública de seus países (apud MAROCCO; ZAMIN; BOFF, 2009).

Escolhido o tema, a equipe do *Ecolândia* discute os possíveis enfoques para cada quadro de áudio do programa. O radiojornal é organizado por uma série de diferentes momentos: participação do público, através de enquete, entrevista em profundidade com os moradores¹⁰ e quadro ao vivo interativo; reportagens com fontes diversificadas, tanto oficiais como não-oficiais; reportagem de cunho cultural e histórico sobre a cidade; entrevista com fontes especializadas – esta uma tarefa mais difícil, dependendo do tema que será tratado na semana.

Até se precisar o tema da entrevista, por mais rápida que seja esta decisão – e sempre é veloz na comunicação coletiva –, os parâmetros que a contornam provêm de vários pontos de partida devidamente articulados. [...] Vale lembrar Nietzsche: sob a superfície de qualquer fenômeno há uma rede de forças atuantes. Assim também a análise crítica sobre as fontes de informação, os “eleitos” para darem o seu testemunho, para falarem acerca da pauta (MEDINA, 2008, p.25).

Além dos quadros de áudio, cada edição do *Ecolândia* traz blocos de notícias e dicas culturais. Geralmente é realizada uma seleção de notícias e dicas relacionadas a várias áreas, como trânsito, saúde, política, educação, tal qual na mídia tradicional. No entanto, como o programa está inserido em uma rádio comunitária, a ideia é trabalhar com um jornalismo local, focado no dia a dia da comunidade da Região Sul. Segundo Dornelles (2006, p. 69), a imprensa local possui três aspectos que a caracterizam: a proximidade do lugar, a familiaridade e a diversidade. Assim, durante a produção do programa, a equipe adota esses referenciais como valores-notícia, ou seja, elementos que auxiliam a equipe a transformar os acontecimentos em notícias para o público da Caraií. Por isso, faz-se uma seleção de acontecimentos que tenham impacto nessas comunidades e sejam acessíveis ao público, algumas de interesse público e outras de serviço.

Durante a apresentação ao vivo do programa, outro repórter tem a função de acompanhar a edição para, posteriormente, apresentar uma avaliação geral na reunião de pauta. As observações são discutidas pela equipe como forma de trazer

¹⁰ A ideia da equipe do programa é a construção de perfis humanizados, que valorizem as pessoas da comunidade. “Ao contrário da espetacularização, a entrevista com finalidade de traçar um perfil humano não provoca gratuitamente [...]. Esta é uma entrevista aberta que mergulha no outro para *compreender* seus conceitos, valores, comportamentos, histórico de vida” (MEDINA, 2008, p.18, grifo da autora).

melhorias para o programa. Essa avaliação também era divulgada no blog do *Ecolândia*¹¹, com o objetivo de socializar as informações discutidas pela equipe.

A partir dessa apresentação do trabalho desenvolvido pela equipe, além das questões conceituais que norteiam a própria produção, procuramos entender a atividade jornalística do *Ecolândia* inserido em uma mídia comunitária. Devido ao período de atuação e ao trabalho sequencial desenvolvido pela equipe, buscamos trazer o programa para a área da pesquisa, investigando-o para proporcionar novas discussões e questionamentos sobre as produções em comunicação.

Da produção ao produto: análise do programa *Ecolândia*

Através do estudo do *Ecolândia*, percebemos que dois conceitos são fundamentais para o trabalho desenvolvido pela equipe do programa: Jornalismo Popular e Jornalismo Público. Tais conceitos dão suporte para a produção de um programa semanal em uma rádio comunitária. Além disso, outro ponto em questão são as próprias pautas, focadas, principalmente, nos temas meio ambiente e qualidade de vida, o que traz um universo de análise específico.

A confluência entre todos esses conceitos em um radiojornal é base para entender como a equipe mescla os diversos pontos propostos por cada conceituação nas edições do programa. Então, torna-se relevante compreender: como é o trabalho dos alunos inseridos em uma emissora comunitária, e o que isso influencia na produção dos programas? Os conceitos propostos pela equipe se efetivam na prática? Como é o jornalismo realizado pelos alunos a partir de suas propostas? E a rotina semanal, como é praticada? Para responder a essas perguntas, utilizamos uma metodologia composta por dois eixos: análise de materiais (áudios e roteiros) e observação da rotina produtiva. Através da interligação das duas sistemáticas, contextualizamos a produção do programa em uma análise conjunta.

Estudamos o programa durante o segundo semestre de 2011. Para sistematizar a pesquisa, selecionamos um roteiro por mês e o seu respectivo áudio para analisar. A partir da observação, constituímos sete categorias, as quais foram baseadas nos estudos prévios sobre Rádio, Comunicação Comunitária, Jornalismo Popular e Jornalismo Público. A partir de cada uma delas, buscamos encontrar

¹¹ Disponível em: <<http://www.ecolandia.wordpress.com>>. Desde o início de 2012, a equipe não divulga mais as avaliações na plataforma online.

características que demonstrassem se o programa está ou não adequado aos conceitos aos quais se propõe e entender sua produção jornalística. Para evidenciar o total de trechos encontrados e o tipo de conteúdo, construímos um gráfico quantitativo.

Categorias de Análise

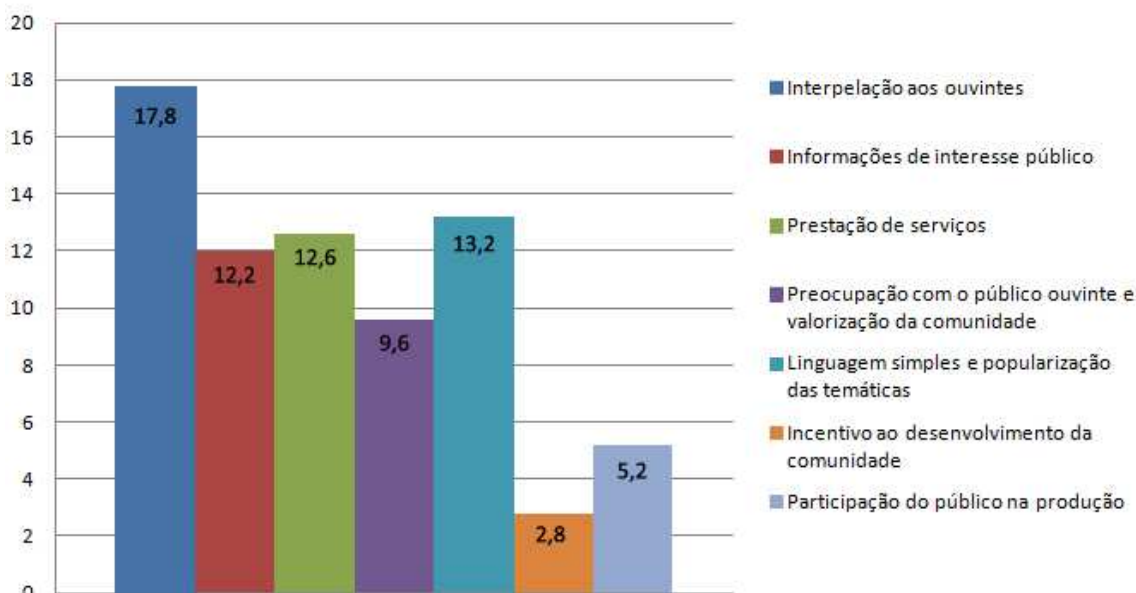


Figura 02: Gráfico indicando a média de trechos encontrados de cada categoria de análise referente aos scripts.

Confrontando as categorias, percebemos que todas têm ao menos um trecho correspondente às características propostas inicialmente, como podemos ver nos exemplos abaixo (as marcações em *itálico* evidenciam pontos de cada categoria):

1. Interpelação aos ouvintes: Esperamos nos aproximar das questões ambientais que fazem parte do nosso dia-a-dia *junto com vocês*.
2. Informações de interesse público: Prefeitura anuncia *instalação de câmeras de vigilância na praça Saldanha Marinho*. Serão instaladas *doze câmeras de monitoramento que estarão funcionando 24 horas por dia*, a partir de hoje.
3. Prestação de serviços: Os doadores podem comparecer ao Hemocentro de *segunda a sexta-feira, das 8 horas da manhã até as 5 da tarde*. Para mais informações, ligue para o Hemocentro no número 32 21 52 62.
4. Preocupação com o público ouvinte e valorização da comunidade: No microfone aberto de hoje, *saiba a opinião dos moradores sobre o consumo de produtos biodegradáveis*.

5. Linguagem simples e popularização das temáticas: O bicho de hoje é uma ave que lembra bastante uma *sexta-feira treze*. *Lembra, porque é símbolo de má sorte* e por se alimentar da carne de animais mortos.
6. Incentivo ao desenvolvimento da comunidade: E não esqueça, o *trânsito seguro exige atenção e cuidado! Faça sua parte!*
7. Participação do público na produção: Será que as pessoas conhecem o que são produtos biodegradáveis ou sabem sua importância? *O Microfone aberto foi às ruas para saber a opinião dos moradores* sobre o assunto.

Além desses trechos, vários outros foram encontrados na produção, correspondendo aos temas e conceitos propostos pela equipe. Nesse sentido, percebemos que algumas características eram mais presentes que outras nos roteiros dos programas. Isso também foi estudado nos áudios, o que confirma a interdependência das duas esferas do programa. De modo geral, as características com mais incidência são: interpelação ao ouvinte, informações de interesse público, popularização das pautas e prestação de serviços e linguagem simples.

Um ponto positivo observado é que, apesar de trazer informações gerais sobre a cidade, boa parte das notícias do radiojornal tem um enfoque mais local, preservando a característica da comunicação comunitária. No entanto, apesar de essa preocupação existir, nem todas as semanas a equipe consegue que as notícias sejam focadas na comunidade. Em alguns roteiros encontramos notícias que mostram fatos importantes em um contexto geral, mas que, à luz das categorias de análise, fogem das propostas do *Ecolândia* e da ideia de mídia comunitária. Assim, notamos que, apesar dos acertos, a equipe também encontra algumas dificuldades para manter o rigor conceitual. Como nos lembra Biz (2006, p.45), a informação por si só não é garantia de que o receptor a tenha compreendido, se a ele não forem apresentadas as condições suficientes para entendê-la.

Outros pontos marcantes na produção são a preocupação com o público-alvo e a participação dos moradores na produção, categorias que, muitas vezes, são interdependentes. Observamos que a preocupação da equipe com o público se dá, em grande parte, pela própria ênfase de sua participação na produção. Inserida nesse contexto está a valorização dos acontecimentos e das histórias da comunidade, reforçando o papel do *Ecolândia* no seu trabalho com os eixos comunitário e local, como podemos perceber no exemplo a seguir:

O nome do perfil de hoje é VANDERLEI DOMINGUES DE OLIVEIRA. No prédio onde trabalha, já é conhecido dos moradores. Acompanhe conosco a história desse trabalhador e morador do Bairro Lorenzi.

Segundo Dornelles (2006), o jornal local “tem por filosofia editorial atender aos anseios e reivindicações da comunidade como um todo, dando cobertura aos acontecimentos que tenham proximidade junto ao leitor” (p. 65). No caso do *Ecolândia*, junto ao ouvinte.

Por fim, ainda em relação às categorias, o programa também trabalha o desenvolvimento da comunidade através da conscientização. Essa preocupação é presente, principalmente, quando o assunto da semana é alvo de polêmica ou é de conhecimento geral, como a falta de segurança, os problemas no trânsito e as questões de preservação ambiental. Como se tratam de temas comuns ao cotidiano, a conscientização sobre os mesmos é muito importante, principalmente se a intenção é formar uma audiência socialmente responsável, como propõe o Jornalismo Público. No entanto, observamos que esses trechos ficam relegados, geralmente, a questões mais rotineiras, e, talvez por isso, apareçam com menos frequência na produção do *Ecolândia*. Percebemos que a equipe poderia investir mais nessa questão, até mesmo inserindo mais trechos durante as edições, seja nas pausas de identificação do programa ou durante a locução de blocos de notícias, por exemplo.

Além das análises de categorias, também estudamos os áudios. Observamos que existem diferenças bem marcantes entre a apresentação e o roteiro que a está guiando durante a edição do programa. Algumas frases, palavras e expressões que originalmente não se encontravam no script foram adicionadas de improviso.

Por muito tempo, a improvisação predominou na elaboração das emissões informativas, sendo quase sempre esquecidas as características do próprio rádio que, a rigor, se opõe às teorias que o definem como incapaz de levar adiante uma comunicação de maior profundidade do que a simples transmissão do fato, sem permitir que o "contexto" desse fato possa ser apreendido (GARCIA, 2006¹²).

No entanto, isso não quer dizer que o improviso deva ser condenado. Ele tem a possibilidade de funcionar como característica da linguagem radiofônica, pois confere à apresentação um ar de coloquialidade e proximidade, principalmente nas inserções ao vivo. O roteiro do *Ecolândia* trabalha em um regime aberto, permite certas liberdades para que o programa flua mais naturalmente. O improviso, no entanto, não

¹² Documento eletrônico sem paginação.

deve ser feito como amadorismo, mas sim para auxiliar a produção, facilitando a compreensão do que já está inserido no roteiro. A improvisação no *Ecolândia* é notada em vários momentos, como podemos observar no exemplo abaixo, em que as marcações em itálico são as inserções improvisadas:

As inscrições para o concurso vão até o dia cinco de abril, feitas apenas pela internet. *A gente vai passar no final pra vocês o site para fazer a inscrição.*

E só para dar um aviso, então, a gente já teve uma ouvinte que nos ligou agora, a dona Mariza Bolzan. Ela nos ligou e já acertou o bicho. Mas, então, não deixe, igual né, de continuar [...] ouvindo o nosso programa e conferindo outras dicas do bicho.

Assim, mesmo com notícias de conhecimento mais amplas, observamos a veiculação de informações que ressaltam aspectos da realidade do cotidiano dos ouvintes.

Ora, o que desejam os moradores de um bairro, por exemplo? Claro que é importante acompanhar os acontecimentos nacionais e mundiais. Entretanto, eles estão também muito interessados em conhecer o funcionamento do sistema de transportes, os problemas da segurança, individual e coletiva, de limpeza e conservação das ruas, de policiamento, do posto de saúde, das vagas nas escolas, da riqueza da cultura local, que também, merecem ser divulgados (BIZ, 2006, p.14).

Questões como essa são vistas seguidamente no programa. É possível perceber a preocupação de que o ouvinte entenda o que está sendo dito e identifique-se com aquilo. Em um dos quadros do programa, chamado Microfone Aberto (tipo enquete), apontamos uma sonora do repórter que, além de falar a partir de um local da região, preocupou-se com a questão descritiva, auxiliando a compreensão do ouvinte. Ao fundo, os sons dos carros e do movimento situaram o tema do programa (trânsito), possibilitando melhor compreensão da pauta.

Olá ouvintes do Ecolândia, *eu estou às margens da BR-392, agora são 15 para as 9 da manhã, e o trânsito é bastante intenso, com destaque para caminhões de grande e médio porte. [...] Atravessar a rodovia é um desafio.* É preciso muita paciência, ou sorte do trânsito melhorar um pouquinho e nos dar a oportunidade de atravessar.

Considerações finais

A partir deste estudo sobre a rotina de produção e os conteúdos produzidos por um programa voltado à mídia comunitária, procuramos mostrar essa face da comunicação, que cada vez mais está em evidência, especialmente devido à facilidade de acesso às informações que encontramos atualmente em nossa sociedade.

Concomitantemente, tivemos a oportunidade de refletir sobre as questões do Jornalismo Público e do Jornalismo Popular inseridos nesse panorama. Percebemos que a interligação dos dois conceitos para o trabalho do *Ecolândia* é muito importante, pois ambos indicam as formas como os conteúdos serão apurados, produzidos e finalizados pela equipe. A questão da premissa cidadã, proposta principalmente pelo Jornalismo Público, e a da proximidade com o público, trazida pelo Jornalismo Popular, são dois pilares fundamentais ao programa, o que podemos observar através da análise de seus conteúdos e da rotina produtiva.

O trabalho desenvolvido também nos permitiu aprofundar os conhecimentos a respeito do formato e da linguagem em rádio, uma mídia já consolidada no cotidiano brasileiro. A investigação sobre a atuação em rádio foi de grande valia para o entendimento do nosso objeto de pesquisa, pois grande parte das propostas conceituais do *Ecolândia* se concretiza especialmente devido ao formato de radiojornal. Se o programa fosse voltado especificamente a outra mídia, as estratégias seriam diferentes, bem como a linguagem, as discussões de pauta e a relação com os ouvintes.

Um ponto interessante que observamos nas análises é que, mesmo com o planejamento e a maturidade do projeto, existem obstáculos que o *Ecolândia* necessita ultrapassar para que o trabalho tenha ainda mais plenitude em sua realização. Exemplo disso é a própria questão do conhecimento do público, que ainda precisa ser reforçada, para que esse também compreenda melhor a proposta do programa. Pensamos que a equipe também possa organizar-se cada vez melhor para o desenvolvimento das atividades. A rotina acadêmica é um fator determinante nas dificuldades de produção semanais, mas como os membros aceitam o desafio do trabalho, esse é mais um motivo para que a comunicação entre os integrantes se intensifique.

No entanto, apesar dos obstáculos, é interessante perceber como a rede de colaboração em uma rádio comunitária é importante, especialmente porque envolve o trabalho voluntário. Os alunos, mesmo não participando ativamente do dia a dia da

comunidade da Região Sul de Santa Maria, têm o interesse de conhecê-la e o comprometimento de toda semana levar conteúdos para os programas, independente dos problemas técnicos ou desencontros da rotina de produção. Nesse sentido, percebemos a capacidade da rádio comunitária de atingir outros públicos – como os próprios universitários –, mesmo que a premissa seja a de ser voltada para uma comunidade específica.

Ainda, é importante trazer novos estudos para a área da comunicação comunitária e alternativa, pois podemos refletir sobre um eixo diverso, mostrando possibilidades comunicativas que não pertençam somente aos grandes veículos midiáticos. É fundamental que tenhamos bibliografias nesse sentido, pois podem servir como formas de reflexão e de estudos para estudantes e profissionais da comunicação, além dos demais públicos, que terão a oportunidade de conhecer outro viés do fazer comunicativo. Assim, nossa proposta foi fomentar uma discussão, apontar alguns erros e acertos de uma produção desse tipo, para que se possa construir um conhecimento acerca da realidade do trabalho jornalístico fora da mídia tradicional.

A interdependência entre as proposições teóricas e a prática de trabalho também nos levaram a perceber a importância da formação acadêmica dos alunos para a produção do programa. Mesmo que a parte visível do projeto seja a entrada ao vivo todas as sextas-feiras na Rádio Caraí, o planejamento da equipe demanda discussões, reuniões e estudos de como construir conhecimentos com uma comunidade diversa. Provavelmente, fora do ambiente universitário, esses alunos não teriam a oportunidade de reflexão e prática tão atreladas, o que reforça a importância das ações de extensão durante o ensino superior. Nesse sentido, além da bagagem de experiência que os alunos adquirem, há a contrapartida de que é um trabalho real, feito para pessoas que poderão construir novas opiniões a partir da divulgação do conhecimento.

Consideramos, por fim, que a análise de todas as esferas do programa, além do estudo bibliográfico, possibilitou uma percepção ampla de nosso objeto de pesquisa. Tentamos transportar a visão global da mídia comunitária para um caso particular – o *Ecolândia* –, que a tem como suporte principal, mas também desenvolve outras especificidades da competência jornalística.

Referências

AMARAL, Márcia F. *Jornalismo Popular*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. et al. *Ecolândia – o mundo onde a gente vive*. XVIII Prêmio Expocom Sul, Londrina-PR, maio de 2011. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2011/expocom/EX25-0541-1.pdf>> Acesso em 01 set 2011.

ARNHEIM, Rudolf. O diferencial da cegueira: estar além dos limites dos corpos. In: MEDITSCH, Eduardo (Org.). *Teorias do Rádio: Textos e Contextos*, Florianópolis: Insular, 2005. p. 61-9.

CASTELLANOS, Ana María Miralles. *La construcción de lo público desde el periodismo cívico*. [S.l.]: [s.n.], 1999. Disponível em: <www.infoamerica.org/documentos_word/rosen01.doc>. Acesso em: 12 mar 2012.

CHAPARRO, M.C. *Curso de Jornalismo – Aula 1: Fundamentos Introdutórios*. Disponível em: <http://www.oxisdaquestao.com.br/coluna_momento_teorico.asp?pagina_atual=6&start=5&historico=>> Acesso em 25 out. 2011.

DORNELLES, Beatriz; BIZ, Osvaldo. *Jornalismo Solidário*. Porto Alegre: GCI, 2006.

ECOLÂNDIA. *Projeto de extensão Ecolândia: meio ambiente e qualidade de vida em uma rádio comunitária*. Santa Maria, 2011. Disponível para download em: <http://www.4shared.com/document/dLy4z_MP/Projeto_Ecolndia_2011.html> Acesso em: 04 jun 2011.

FERNANDES, Márcio. *Civic Journalism: haverá um modelo brasileiro?*. Paraná: Unicentro, 2008.

FERRARETTO, Luiz A. *Rádio: o veículo, a história e a técnica*. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 2001.

GARCIA, Rafael. Como fazer um programa de rádio. In: _____. *Webrádio: Técnicas de produção, montagem e edição*, 2006. Disponível em: <http://audiocidades.utopia.org.br/manuais/manuais_programa_radio.html> Acesso em 01 out 2011.

MAROCCO, Beatriz; ZAMIN, Angela; BOFF, Felipe. Os jornais e o acontecimento Obama. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 7, 2009, São Paulo. **Anais**. São Paulo/USP: SBPJor, 2009.

MEDINA, Cremilda. *Entrevista: o diálogo possível*. 5.ed. São Paulo: Ática, 2008.

MEDITSCH, Eduardo. *O rádio na era informação: Teoria e técnica do novo radiojornalismo*, Florianópolis: Insular, Ed. da UFSC, 2001.

_____. (Org.). *Teorias do Rádio: Textos e Contextos*, Florianópolis: Insular, 2005. p. 61-9.

OLIVEIRA Janaina; GOMES Leticia; ROSA, Luciana; *Ecolândia: de onde vem e para onde vai*. Santa Maria: UFSM, 2008. Relatório de pesquisa de opinião pública.

ORTIZ, Renato. *Mundialização e Cultura*. EDITORA, 1998.

PENA, Felipe. *Teorias do jornalismo*. São Paulo: Contexto, 2005.

PERUZZO, Cecila M.K. Rádio Comunitária, Educomunicação, e Desenvolvimento Local. Congresso Multidisciplinar de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, São Bernardo do Campo – SP, 9 a 11 de outubro de 2006. Disponível em: <http://www.ciciliaperuzzo.pro.br/artigos/radio_comunitaria_educomunicacao_e_desenvolvimento_local.pdf>. Acesso em 15 set 2011.

PERUZZO, Cecilia M. K. Direito à Comunicação Comunitária, Participação Popular e Cidadania. LUMINA, Juiz de Fora, v.1, n.1, junho 2007. Disponível em: <[http://www.ppgcomufjf.bem-vindo.net/lumina/index.php?journal=edicao&page=article&op=view&path\[\]=4&path\[\]=10](http://www.ppgcomufjf.bem-vindo.net/lumina/index.php?journal=edicao&page=article&op=view&path[]=4&path[]=10)> Acesso em 01 set 2011.

PRADO, Emilio. Estrutura da Informação Radiofônica. 2.ed. São Paulo: Summus, 1989.

ROSA, Rosane. A Natureza e os Limites dos Discursos Jornalísticos. Cadernos de Comunicação da UniBrasil. N. 1, p.56-69, Out/Nov 2003.